



## SOB O TRIVIAL: IMAGEM, RECONVERSÃO E POTÊNCIA COM SANDRO KA

BIANCA KNAAK

Universidade Federal do Rio Grande do Sul / bknaak@hotmailcom

### RESUMO EXPANDIDO

As relações sociais, depuradas com o contínuo desenvolvimento da indústria cultural, são mediadas por imagens substitutas e valorativas de outras representações e subjetividades. São projeções de ausências, de algo que não pode ser confinado à representação formal, digamos assim, num território de trocas simbólicas. Para refletir sobre o estatuto do artista e o alcance subjetivador da arte nesta sociedade que produz e consome aparências, gostaria de apresentar o trabalho do artista brasileiro Sandro Ka (1981), no específico recorte apresentado no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul na exposição *Deixa Estar*, sob minha curadoria (2013), abrindo brechas para a formulação do interdito. As reconversões simbólicas do artista, que investe no ordinário cotidiano apropriando-se de um repertório comum, acabam por colocar “dobradiças” na arte, como já formulou Tadeu Chiarelli ao tratar da arte contemporânea brasileira em que artistas se afirmam “agindo mais no mundo e com o mundo do que propriamente sobre o mundo”. Essas reconversões, ressignificações, geram processos que demandam atuações e indexações psicossociais que, mais do que isolar indivíduos e experiências estéticas em categorias, embaralham a miríade de referências disponíveis no mundo atual. A arte contemporânea e seu sistema de legitimação, operando no contexto pós-indústria cultural, se estabelece com esse know-how rizomático. E, se em cada cena articulada por Sandro Ka, o conjunto gentilmente arranjado nivela objetos de cultos díspares é, pelo inusitado, que suas montagens nos interpelam contrastando nossos conceitos em relação ao significado cultural de cada objeto-imagem, para redimensioná-los e unificá-los sob uma nova e mesma escala valorativa. No entanto, se num movimento de pós-produção (nos termos de Bourriaud) a distinção entre objetos-mercadorias-imagens do mundo cotidiano, do mundo publicitário e do mundo artístico é quase impossível, também na história da arte as menções ao banal, ao corriqueiro e popular estão presentes, programaticamente, com imagens, procedimentos e meios desde as inclusões plástico-poéticas das vanguardas modernas. E o kitsch, o cult, a alta e baixa cultura, arte popular e arte erudita já não são categorias (tão) antagônicas depois do advento da indústria cultural, dos meios de comunicação de massa, dos efeitos das redes sociais e dos movimentos pelos direitos de inclusão e representação social e política das minorias marginalizadas, como vem demonstrando os estudos culturais e decoloniais que não se descuidam das agendas subjacentes ao trivial.



**PALAVRAS-CHAVE:**

Apropriação. Imagem. Reconversão. Decolonialidade. Exposição

**PERGUNTAS-CHAVE:**

O que pode uma curadoria de acervos hoje?

O que pode uma curadoria decolonial institucional?

Quem pode, quem faz, quem pede e quando uma curadoria é decolonial ?

**IMAGENS:**



**SANDRO KA. Diversos trabalhos no ateliê do artista, 2013**

Fonte: Sandro Ka



**SANDRO KA. Vista parcial da exposição DEIXA ESTAR no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul, 2013.**

Fonte: Sandro Ka



**SANDRO KA. Vista parcial da exposição DEIXA ESTAR no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul, 2013.**

Fonte: Sandro Ka



**SANDRO KA. Vista parcial da exposição DEIXA ESTAR no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul, 2013.**

Fonte: Sandro Ka